

O CULTO REFORMADO

Expressão comunitária de amor à Trindade

Lição 3 – O Culto no Contexto da Aliança

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Diac. Luciano Portilho Troncoso

BASE BÍBLICA CENTRAL: Rm 5.12; 18-21; Hb 11; Gl 3.15-29

Rm 5 mostra, de forma sucinta, a Aliança de Obras e a Aliança da Graça, que afeta todos os homens seja no Eden ou depois e não faz distinção entre as dispensações dos antigo e novo testamentos. A fé alcança todos os que creem. A lei não pode invalidar a promessa.



IDEIA CENTRAL

Deus, em sua soberania, se relaciona com o homem através de alianças. A aliança de obras, estabelecida no Eden, com Adão e Eva, representantes de toda a raça humana, foi descumprida com a introdução do pecado. Ali mesmo, Deus anuncia a Aliança da Graça, planejada desde toda a eternidade, que se desenvolve na história humana, cada vez com mais clareza, através de alianças, até o seu cumprimento pleno em Cristo Jesus. O culto no contexto da aliança tem suas características particulares e centradas na Palavra de Deus, onde somos protegidos de nos desviarmos à moda da vontade humana.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: O conceito da Aliança e como isso afeta o nosso culto.
- Ser: Um crente comprometido e zeloso na ministração do culto.
- Agir: Cultuar a Deus de forma bíblica, com alegria e pureza.

INTRODUÇÃO

Nesta lição vamos estudar uma doutrina cara na teologia reformada, particularmente na igreja presbiteriana: A Doutrina da Aliança. O maior destaque dentro deste ensino é a Doutrina da Aliança da Graça. No entanto, existem outras facetas das Doutrina da Aliança que merecem destaques como, por exemplo, a Doutrina da Aliança de Obras. Há diferentes explicações a respeito das partes da aliança da graça. Ela pode ser dividida em Aliança da Redenção (entre o Pai e o Filho) e Aliança da Graça (entre o Deus trino e os eleitos). Esta doutrina ganhou força e destaque quando, através do aprofundamento nos estudos bíblicos, se percebeu com clareza que a Escritura apresenta o caminho da salvação na forma de uma aliança. Esta doutrina também é conhecida como Teologia da Aliança ou Aliancismo, ou como Teologia Federal (Federal vem do latim *foedus*, aliança, pacto,

tratado, convenção, união). As diversas alianças apresentadas na bíblia nada mais são do que uma única aliança firmada por de Deus com seus eleitos, conhecida como Aliança da Graça. Nesta lição vamos estudar também como a doutrina da Aliança pode afetar o culto.

A ALIANÇA DE DEUS COM O HOMEM

A Teologia da Aliança propõe uma compreensão da estrutura geral da Bíblia, considerando a história do relacionamento de Deus com a humanidade, desde a criação, a queda, a redenção e a consumação com um princípio organizador geral na forma de aliança. A ideia de alianças sempre esteve presente na Bíblia, do seu início até o final, quando esta revelação de Deus apresentou a relação do homem com Deus em termos de uma relação pactual. A Confissão de Fé de Westminster apresenta, no seu capítulo 7, que Deus estabeleceu, de forma abrangente, apenas dois pactos: Pacto de obras e pacto da graça. O primeiro também conhecido como pacto da criação. O Breve Catecismo o chama de pacto de vida. Alguns teólogos desenvolvem o conceito da aliança da redenção, feita entre o Pai e o Filho, no céu, e, baseada nesta, a aliança da graça entre Deus Trino e os eleitos. Neste entendimento, a aliança da graça e a da redenção não seriam duas alianças separadas, mas dois modos ou duas fases da única aliança evangélica da misericórdia.

A aliança de obras foi estabelecida por Deus no Éden, na qual está envolvida uma promessa de recompensa pela obediência, e é feita uma ameaça de uma penalidade pela transgressão. A desobediência de Adão levou à transgressão da aliança e um rompimento do pacto, cuja penalidade foi a morte física, morte espiritual e morte eterna. Na queda eles caíram do estado de inocência em que foram criados, e por consequência, todo o gênero humano.

Imediatamente após a queda Deus estabeleceu um novo pacto (Gn 3.15), que já estavam nos decretos eternos de Deus. A aliança da graça é simplesmente a execução do acordo original feita por Cristo como nosso fiador. A aliança da graça estabelecida logo após a queda, tem o seu início ali e perpassa toda história subsequente, incluindo o Antigo e Novo Testamentos, caminhando até a redenção final. Conforme Augustus Nicodemus: “Deus tem um único pacto com o seu povo que é o Pacto da Graça, no qual Ele promete ser o nosso Deus e nós somos o Seu povo. Em Israel ele foi ministrado em forma de símbolos, tipos, figuras: A circuncisão, o sacrifício de animais, a celebração da pascoa, a guarda do sábado. Com a vinda de Cristo este pacto é administrado de forma mais plena porque toda aquela simbologia se cumpriu. Mas o ponto central é que sempre foi o mesmo pacto, o mesmo povo, o mesmo Deus, os mesmos sacramentos, a mesma aliança, as mesmas promessas. Deus sempre teve um povo único durante toda essa história. Então, Ele está pactuado com esse povo. No antigo testamento era selado com o sangue de animais, prefigurando o selo final e definitivo que é o sangue de Cristo. Como Ele disse na noite em

que Ele foi traído: Esse é o sangue da nova aliança feita. Nova não no sentido que era diferente, mas porque ela entra numa administração diferente, a partir de Sua morte e ressurreição. Então, é por esse motivo que os aliancistas, que compreendem que os símbolos são os mesmos, os sacramentos são os mesmos, também incluem os filhos na igreja desde cedo. Se no antigo testamento eram incluídos pela circuncisão, no novo são incluídos pelo batismo”.

A CFW^[2], no seu capítulo 7.3 e 7.4, descreve esse Pacto da Graça, que é uma inacreditável demonstração da disposição de Deus em perdoar e ter comunhão com aqueles que são indignos. Podemos ter confiança neste pacto pois Cristo é o novo pacto; Ele é a promessa; Ele é o testador, Ele é a substância do pacto. Esse Pacto da Graça é frequentemente apresentado na Escritura pelo nome de Testamento. A ideia de testamento lembra que grandes dons são legados a nós e uma herança eterna, em Jesus Cristo, o testador. De fato, a linguagem dos pactos tem ajudado muitos cristãos a compreenderem o evangelho, mas a realidade do dom de Deus talvez só fique clara com a linguagem dos ‘testamentos’.

“O Pacto da Graça foi firmado antes do Pacto de Obras, mas foi revelado à humanidade depois que o Pacto de Obras foi quebrado”.^[3] Quanto à situação atual do Pacto de Obras, se está em vigência ainda, existem divergências entre teólogos. No conceito reformado predomina a visão de que a situação legal do homem permanece, as exigências de Deus às suas criaturas quanto à obediência permanecem, o salário do pecado continua sendo a morte e o requisito para a salvação é a obediência perfeita. Geerhardus Vos comentando a pergunta 33 do Catecismo Maior de Westminster diz: “Embora o Pacto de Obras ainda esteja em vigor hoje, de sorte que os pecadores perdidos jazem debaixo da maldição do pacto rompido, ainda assim ninguém hoje está capacitado a alcançar a vida eterna por meio do Pacto de Obras”.^[2] Neste sentido, podemos observar que o Pacto de Obras em um certo sentido não foi cancelado, mas em outro sim: ^[4]

Não foi cancelado: (1) A relação natural do homem com Deus permanece e o homem sempre deve perfeita obediência a Deus; (2) a penalidade do pacto, a maldição e castigo dos que continuam no pecado permanece; (3) a promessa condicional continua, conforme abordado em vários locais da Bíblia, tanto no AT como NT (Lv 18.5; Rm 10.5; Gl 3.12).

Foi cancelado: (1) O Pacto de Obras continha elementos positivos quando da obediência, e neste sentido, Cristo cumpriu o pacto, as obrigações foram satisfeitas em Cristo, para os que se acham debaixo da aliança da graça. (2) Como um meio para se obter a vida eterna, pois ficou completamente destituída de poderes, após a queda.

A ADMINISTRAÇÃO DO PACTO NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS

A CFW descreve nos capítulos 7.5 e 7.6:

7.5 Este pacto no tempo da Lei não foi administrado como no tempo do Evangelho. Sob a Lei foi administrado por promessas, profecias, sacrifícios, pela circuncisão, pelo cordeiro pascoal e outros tipos e ordenanças dadas ao povo judeu, prefigurando, tudo, Cristo que havia de vir; por aquele tempo essas coisas, pela operação do Espírito Santo, foram suficientes e eficazes para instruir e edificar os eleitos na fé do Messias prometido, por quem tinham plena remissão dos pecados e a vida eterna: essa dispensação chama-se o Velho Testamento.

7.6 Sob o Evangelho, quando foi manifestado Cristo, a substância, as ordenanças pelas quais este pacto é dispensado são a pregação da palavra e a administração dos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor; por estas ordenanças, posto que poucas em número e administradas com maior simplicidade e menor glória externa, o pacto é manifestado com maior plenitude, evidência e eficácia espiritual, a todas as nações, aos judeus bem como aos gentios. É chamado o Novo Testamento. Não há, pois, dois pactos de graça diferentes em substância, mas um e o mesmo sob várias dispensações.

Todas as ordenanças e sacramentos no AT apontavam diretamente para a vinda de Cristo. É notável a inumerável quantidade de vezes que Cristo e os apóstolos se utilizavam das referências, promessas, ritos e sacrifícios apresentados no AT como prova e confirmação do senhorio e ministério de Jesus Cristo. Eram rituais mais elaborados, com detalhamentos e ordenanças com este propósito específico. Eram promessas e tipos apontando para Cristo. Este período é também chamado de antiga aliança ou antigo testamento.

No NT, Cristo, o Verbo feito carne foi apresentado como cumprimento das promessas e a própria “substância” de todas as antigas promessas e sacrifícios e Ele é a substância do pacto da graça. Ele é o próprio evangelho, as boas-novas que proclamamos. Portanto, nesta nova dispensação não celebramos os antigos ritos que anunciavam que Ele logo viria. Nesta dispensação do Evangelho as ordenanças se resumem na pregação da Palavra e a administração dos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor. Eles precisam ser feitos com simplicidade e sem glória externa pois Cristo é o centro e só Ele deve ser glorificado e exaltado. O NT é frequentemente chamado de nova aliança.

O CULTO NO CONTEXTO DA ALIANÇA

Neste item vamos abordar quais as implicações e influências da Doutrina da Aliança da Graça na celebração do culto cristão reformado. As diversas igrejas cristãs podem adorar a Deus de forma agradável, mesmo sem se autodenominarem aliancistas, ou defensora do Pacto da Graça. No entanto, a crença e prática fundamentada nesse ensino auxilia e protege vigorosamente a igreja a manter-se pura e fiel na celebração do culto. As razões para isso serão abordadas a seguir.

Como vimos, existe apenas um Pacto da Graça, que abrange tanto o AT como o NT, ou antiga e nova aliança, embora com mudanças na sua forma de administração. O meio de salvação sempre é através de Cristo, como o nosso mediador, desde toda a eternidade. Logo após a queda, o homem se tornou incapaz de obter a salvação através das obras. Deus, em sua sabedoria aprovou preparar os seus eleitos para buscá-Lo e adorá-Lo, através

de um povo escolhido, em uma terra prometida, com instruções que apontassem e tipificassem a genuína adoração do povo de Deus, com um clarear progressivo dessas verdades até o dia da manifestação plena do Verbo encarnado, Jesus Cristo.

O culto reformado é pactual. A narrativa bíblica, do Gênesis ao Apocalipse, é sobre o desdobramento do pacto de Deus com o seu povo. A narrativa bíblica mostra o desenvolvimento do pacto da graça, descrevendo diversos momentos quando Deus revela a sua aliança em diferentes contextos e grau de iluminação. “Deus entrou, repetidamente, em relação de aliança com indivíduos.”^[6] Começa em Gn 3.15 que contém uma revelação da essência da aliança. Com Noé a aliança da preservação, conhecida como aliança da natureza ou da graça comum; a aliança da promessa com Abraão; a aliança do Sinai que é uma continuação da mesma aliança com Abraão, só que como uma forma de instrução para desviar das transgressões e mostrar a nossa condição de incapacidade em satisfazer o padrão de Deus através das obras, ‘para que avultasse as ofensas’ (Gl 3.15-22; Rm 5.20). Esta é a antiga aliança. Com o rei Davi foi a aliança do reino (II Sm 7), quando ele recebe a promessa de um reino davídico duradouro que olha para trás e retoma as promessas de bênção feitas a Abraão e sua descendência eleita. Olha para adiante e vislumbra a esperança messiânica que inspira a fé em Israel antes e depois do exílio babilônico, anunciada pelos profetas e por Moisés (At 3.22-26). Finalmente em Cristo temos a aliança da consumação, a nova aliança, a plenitude dos tempos, o cumprimento e concretização das profecias tanto anunciadas, a concretização dos relacionamentos pactuais.

Mas afinal, como a doutrina da Aliança da Graça, como um único pacto de Deus com o seu povo através de Cristo, pode contribuir na adoração que agrada a Deus nesta dispensação do NT? Esta compreensão tem sido riquíssima para o povo de Deus na história, pois podemos aprender a cultuar hoje através de preciosas lições apresentadas nessa primeira dispensação da graça, no AT. A partir dela podemos extrair uma quantidade enorme de princípios bíblicos para a adoração, trazendo luz e um maior aprofundamento no culto comunitário. As instruções de Deus para o seu povo no AT são as instruções para nós, no sentido de princípios, mesmo que com ordenanças diferenciadas.

A título de ilustração podemos citar alguns exemplos: Os vários tipos e símbolos do AT trazem consigo lições preciosas para compreensão das grandes verdades doutrinárias apresentadas no NT. Como participamos de um mesmo pacto, podemos tomar todos os textos do AT para nossa instrução e orientação, considerando o contexto da apresentação progressiva, e não como se referindo a um outro povo (1 Pe 2.9; Ex 19.6). As ordenanças no AT apresentavam muitos detalhes e um rigor muito grande relacionado à pureza, mostrando, com isso, como devemos participar dos cultos. Deus mostra a forma de adoração nos seus detalhes, e em desobedecendo isso, a sinceridade não é suficiente para

justificá-la. “A forma como cultuamos a Deus é um reflexo daquilo que cremos sobre Deus ... determina, na verdade, a quem adoramos ... O caminho mais curto para um culto mais rico e mais profundo é uma teologia mais clara ... Liturgia é teologia na prática ... o culto é uma cerimônia na qual Deus renova suas promessas pactuais conosco e nós respondemos a Ele com fé e louvor ... exemplos que instruem a nossa adoração como Js 24 e Lv 1.1-9 ... aprendemos como nosso culto deve ser ordenado e oferecidos através do padrão de renovação da aliança e sacrifícios pactuais” [5] Rm 12.1-2; Hb 13.15; 1 Pe 2.5.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que a Doutrina da Aliança ou a Teologia do Pactos não é apenas uma questão de preferência teológica, mas tem implicações profundas na forma como adoramos a Deus. Sendo bem alicerçada na Sua Palavra, ela nos dá segurança em buscar uma adoração centrada em Deus e nas mensagens do evangelho de Cristo, nosso redentor, preservando-nos de nos desviarmos por ventos de doutrinas contemporâneas que mudam o foco da adoração de Deus para o homem.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Como você define aliança?
2. Quantas e quais as grandes alianças de Deus apresentadas nessa lição?
3. Complemente, com mais exemplos, como a Doutrina da Aliança da Graça contribui para o nosso culto?

REFERÊNCIAS:

- [1] **Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- [2] A Confissão de Fé de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- [3] VOS, J. Geerhardus. O Catecismo Maior de Westminster. Comentado por Johannes Geerhardus Vos. São Paulo: Os Puritanos, 2007.
- [4] BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- [5] HYDE, Daniel R. **O que é um culto reformado?** Recife: Os Puritanos/Clire, 2014.
- [6] ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos Pactos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- [7] FRAME, John M. **Em Espírito e em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- [8] COSTA, Hermisten M. P. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- [9] LOPES, Hernandes Dias. **Tabernáculo**. Vídeo disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=pmtbRtckDwk>
- [10] LOPES, A. Nicodemus. **O tabernáculo da antiga aliança e seu fim**. Vídeo em:
<https://www.youtube.com/watch?v=OczFrcD9iCY>

